



tomás
nevinson
javier
marías

JAVIER MARÍAS

Tomás Nevinson

Tradução

Josely Vianna Baptista

Eduardo Brandão



SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Sumário

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
XV
XVI

Agradecimentos
Sobre o autor
Créditos

*Para Carme López Mercader,
que, longe ou perto, confinados ou não, mais ou menos alegres —
ela sempre mais alegre do que eu —, acompanhou-me sorridente
neste livro, do princípio ao fim.*

Fui educado à moda antiga, e nunca pensei que um dia me mandariam matar uma mulher. Mulheres não devem ser tocadas, não se deve bater nelas, não se deve agredi-las fisicamente e deve-se evitar a todo custo a agressão verbal, isso não condiz com elas. Além disso, deve-se protegê-las e respeitá-las e lhes dar passagem, escudá-las e ajudá-las se estiverem levando uma criança no ventre, no colo ou num carrinho, ceder-lhes o assento no ônibus e no metrô, e ainda resguardá-las ao andar pela rua afastando-as do tráfego ou daquilo que se jogava das sacadas em outros tempos, e se um navio emborca e ameaça ir a pique, os botes, pelo menos os primeiros lugares, devem ser para elas e seus pimpolhos (que pertencem mais a elas do que aos homens). Quando se vai fuzilar em massa, às vezes poupa-se a vida delas e as afastam; deixam-nas sem marido, sem pais, sem irmãos e mesmo sem filhos adolescentes e, evidentemente, adultos, mas a elas é permitido continuar vivendo, enlouquecidas de dor feito espectros sofredores, que, no entanto, fazem aniversário e envelhecem, acorrentados à lembrança de seu mundo perdido. Tornam-se, forçosamente, depositárias da memória, são as únicas que restam quando parece não restar mais ninguém, e as únicas que contam o que aconteceu.

Bem, isso tudo me ensinaram quando eu era criança, e tudo isso foi antes, e nem sempre, nem com rigor. Foi antes e na teoria, não na prática. Afinal de contas, em 1793 uma rainha da França foi para a guilhotina, e antes disso foram para a fogueira incontáveis acusadas de bruxaria e a

soldado Joana d'Arc, só para dar alguns exemplos que todo mundo conhece.

Sim, é claro que sempre se matou mulheres, mas isso era feito à contracorrente e muitas vezes com constrangimentos, não se sabe ao certo se Ana Bolena teve o privilégio de sucumbir a uma espada e não a um machado tosco e fajuto, ou na fogueira, por ser mulher ou por ser rainha, por ser jovem ou por ser bonita, bonita para a época, segundo os relatos, e os relatos nunca são confiáveis, nem mesmo os das testemunhas diretas, que veem ou ouvem obscuramente e se equivocam ou mentem. Nas gravuras de sua execução ela aparece de joelhos, como se estivesse rezando, com o tronco ereto e a cabeça levantada; se tivessem usado o machado, ela deveria estar com o queixo ou a face apoiados no cepo e teria adotado uma postura mais vexatória e mais incômoda, estaria jogada no chão, por assim dizer, e teria oferecido uma visão mais proeminente de suas nádegas para aqueles que estivessem, de seu ponto vista, de frente para elas. É curioso que se tenha levado em conta a comodidade ou a compostura de seu último instante no mundo, e ainda o garbo e o decoro, que diferença faria tudo isso para quem já era um cadáver iminente e estava prestes a desaparecer da terra debaixo da terra, em dois pedaços. Nessas representações, também se vê o “espada” de Calais, assim chamado nos textos para diferenciá-lo de um carrasco vulgar — trazido ex professo por sua grande destreza e talvez a pedido da própria rainha —, sempre às suas costas e oculto de sua vista, nunca na frente, como se tivesse combinado ou decidido que a mulher fosse poupada de ver o golpe chegando, a trajetória da arma pesada que, no entanto, avança veloz e inexorável, como um assovio que se emite ou como uma rajada de vento forte (em algumas imagens ela está com os olhos vendados, mas não na maioria); que ignorasse o momento exato em que sua cabeça rolaria com

um único e limpo golpe de espada e cairia no cadafalso de costas, de bruços ou de lado, em pé ou de cabeça, quem podia saber, claro que ela nunca saberia; que fosse pega de surpresa pelo movimento, se é que pode haver surpresa quando a pessoa sabe a que veio e o porquê de estar de joelhos e sem manto às oito da manhã de um dia inglês de um maio ainda frio. Está de joelhos justamente para facilitar a tarefa do carrasco e para não pôr em dúvida sua habilidade: ele tinha feito o favor de cruzar o canal e oferecer seus préstimos, e talvez não fosse muito alto. Tudo indica que Ana Bolena insistiu em que bastava uma única espada, já que seu pescoço era fino. Deve tê-lo rodeado com as mãos mais de uma vez, para tirar a prova.

Em todo caso, tiveram muito mais consideração por ela do que, dois séculos e meio mais tarde, por Maria Antonieta, a qual, segundo contam, recebeu em seu outubro pior tratamento que em seu janeiro o marido Luís XVI, que foi para a guilhotina uns nove meses antes dela. O fato de ser mulher não contou para os revolucionários, ou talvez a consideração do sexo lhes tenha parecido, por si só, antirrevolucionária. Um tenente chamado De Busne, que demonstrou certo respeito por ela durante a custódia prévia, foi preso e substituído imediatamente por outro guardião, mais rude. E o rei só teve as mãos amarradas às costas ao chegar ao pé do patíbulo; fez o percurso até lá num coche coberto, fechado, acho que do prefeito de Paris; e pôde escolher o padre que o assistiu (um não juramentado, ou seja, que não havia jurado lealdade à Constituição e à nova ordem, que mudava todo dia e o condenava). Já sua viúva austríaca teve as mãos amarradas antes do desfile, que precisou enfrentar de carroça, mais vulnerável e exposta ao ódio desenfreado nos rostos e aos improperios do gentio; e lhe ofereceram apenas os serviços de um padre juramentado, dos quais ela educadamente declinou. Dizem as crônicas que a educação que lhe faltou durante seu reinado ela dispensou nos últimos instantes:

subiu os degraus com tanta agilidade que tropeçou e pisou no pé do carrasco, a quem sem demora pediu desculpas, como se tivesse esse costume (“*Excusez-moi, monsieur*”, disse a ele).

A guilhotina tem seus preâmbulos de opróbrio obrigatório: os condenados não só iam com as mãos amarradas às costas, como, uma vez lá em cima, tinham os braços presos ao torso por uma corda apertada, prenúncio do amortalhamento; como ficavam rígidos e entorpecidos, quase imobilizados e incapazes de se valer por si mesmos, dois auxiliares deviam levantá-los como um pacote (ou como se fazia mais tarde com os anões que eram disparados de um canhão nos circos) e fazê-los deslizar ou empurrá-los de cara para o chão, completamente horizontais, estirados, até que seu pescoço encaixasse no vão designado. Nisso Maria Antonieta se igualou ao marido: no momento derradeiro, os dois se viram coisificados, manejados como pacotes ou novelos de lã ou como torpedos de um submarino arcaico, como fardos cuja cabeça despontava antes de sair rolando de forma imprevisível, sem rumo nem sentido, até que alguém a detivesse agarrando-a pelo cabelo, à vista da multidão. Com nenhum deles aconteceu, em todo caso, o que aconteceu com são Dionísio, segundo um cardeal francês maravilhado com o fato de ele ter, depois de seu martírio e de sua decapitação durante as perseguições do imperador Valeriano, caminhado com a cabeça cortada debaixo do braço de Montmartre até o local de seu enterro (diminuindo consideravelmente o trabalho dos carregadores), onde depois foi erigida a abadia ou igreja que leva seu nome: uma distância de nove quilômetros. O portento tinha deixado o cardeal sem fala, afirmava ele, mas na verdade inflamou seu verbo, de maneira que uma engenhosa dama que o ouvia interrompeu-o, menosprezando a proeza com uma única frase. “Ah, senhor!”, disse-lhe. “Nessa situação, só é difícil dar o primeiro passo.”

Só é difícil dar o primeiro passo. Talvez se possa dizer isso de tudo, ou da maioria dos esforços e do que é feito com desagrado, com repugnância ou com reservas, o que se acomete sem qualquer reserva é muito pouco, quase sempre existe algo que nos leva a não agir e a não dar esse passo, a não sair de casa e a não nos mover, a não nos dirigir a ninguém e a evitar que os outros falem conosco, olhem para nós, nos digam algo. Às vezes penso que nossa vida inteira — até a das almas ambiciosas e inquietas e das impacientes e vorazes, desejosas de intervir no mundo e mesmo de governá-lo — não passa de nosso longo e adiado anseio de ser de novo indetectáveis como quando não havíamos nascido, invisíveis, sem emanar calor, inaudíveis; de nos calar e permanecer quietos, de voltar atrás no percurso e desfazer o já feito e que não pode mais ser desfeito, só esquecido, no máximo, e se tivermos sorte e se ninguém contar; de apagar todos os rastros que testemunhem nossa existência passada e, infelizmente, ainda presente e futura por um tempo. No entanto, não somos capazes de tentar realizar esse desejo que nem sequer reconhecemos, ou só o são os espíritos muito corajosos e fortes, quase inumanos: os que se suicidam, os que se retiram e aguardam, os que desaparecem sem se despedir, os que realmente se ocultam, ou seja, os que realmente não querem que ninguém nunca os encontre; os anacoretas e ermitãos remotos, os impostores que se livram de sua identidade (“Eu não sou meu antigo eu”) e adquirem outra à qual se apegam sem hesitações (“Idiota, não pense que me conhece”). Os

desertores, os desterrados, os usurpadores e os desmemoriados, os que realmente não recordam quem foram e se convencem de ser o que não eram quando crianças ou mesmo jovens, e muito menos quando nasceram. Os que não regressam.

O mais difícil é matar, esse é um lugar-comum subscrito, principalmente, por quem nunca matou. Dizem isso porque não se imaginam com uma pistola ou uma faca, ou com uma corda para estrangular, ou um machado, a maioria dos crimes leva tempo e requer esforço físico, se forem corpo a corpo, e envolvem perigo (podem nos arrebatam a arma numa luta e nós é que acabamos virando presunto). Mas faz tempo que as pessoas se acostumaram a ver rifles com mira telescópica nos filmes, nos quais é só apertar o gatilho para acertar e finalizar, uma tarefa limpa e asséptica e com muito pouco risco, e hoje já vemos como alguém opera um drone a milhares de quilômetros do alvo e interrompe uma vida ou várias encarando isso como ficção, como um ato imaginário, como um video game (o resultado é contemplado na tela) ou, para os mais arcaicos, como as batidas da grossa bola de aço num fliperama, contra a qual lutamos. Aqui não há risco possível nem sangue que respingue em nossos olhos.

Também é difícil, supõe-se, pela irreversibilidade do fato, por seu caráter definitivo: matar significa que nada mais exista no morto, que nada mais brote dele, que ele não pense nem dê à luz ideias, que já não possa corrigir, nem se emendar, nem reparar nenhum dano, nem ser convencido; que pare de falar e de agir para sempre, que ninguém mais conte com ele, e que ele não respire nem olhe; que seja inofensivo e, além disso, totalmente imprestável: como um eletrodoméstico avariado que

passa a ser um estorvo, apenas um trambolho que atrapalha e que deve ser tirado do caminho. A maioria das pessoas julga isso drástico demais, excessivo, tende a pensar que há salvação para qualquer um, no fundo acredita que todos podemos mudar e também ser perdoados, ou que uma peste humana vai terminar sem necessidade de ser aniquilada. Além disso, os outros dão pena de um modo abstrato, como é que eu vou tirar a vida de alguém? A pena, no entanto, amaina diante do concreto, se é que não desaparece, às vezes de repente. Se é que não a cortamos pela raiz.

Lembro-me de um velho filme de Fritz Lang, de 1941, feito em plena Guerra Mundial, quando nem mesmo os Estados Unidos tinham intervindo e parecia impossível que a Inglaterra resistisse sozinha contra a Alemanha, com o restante da Europa subjogado por ela ou sob suas ordens, de bom grado. E começava da seguinte maneira: um homem vestido de caçador, com chapéu, bombachas, polainas, interpretado por Walter Pidgeon, aproximava-se com um rifle de precisão de uma elevação, ou encosta, ou precipício, numa frondosa paragem da Baviera. É 29 de julho de 1939, apenas trinta e seis dias antes do início dessa guerra, e o local é Berchtesgaden, onde Hitler possuía uma *villa* para a qual se retirava com frequência, até mesmo no meio da contenda, o lugar mais bem guardado da Alemanha durante suas estadas ali. O caçador divisa alguma coisa do outro lado da encosta ou do precipício — talvez como o fosso que resguarda um castelo —, estende-se de bruços no mato e observa com seus binóculos. Seu rosto parece surpreso e excitado com o que descobre, e ele então tira do casaco a mira telescópica e a encaixa em sua arma e a ajusta para quinhentas e cinquenta jardas, pouco mais de quinhentos metros. O que ele está observando é o próprio Führer num terraço, passeando e conversando com um subordinado, um alto oficial da Gestapo, eu me lembro do nome estranho dele, meio inglês, Quive-Smith, interpretado por

George Sanders com um monóculo e paletó branco e calça escura, um uniforme muito semelhante ao que, ainda nos anos 70, os procuradores falangistas exibiam nas cortes de Franco, o estilo nazista os cativou até o fim.

Num primeiro momento, Quive-Smith encobre Hitler, o caçador não o tem na mira e enxuga o suor da testa, nervoso. Mas logo o oficial se retira e o maior criminoso fica sozinho. Agora sim está ao seu alcance, bem no alvo. O caçador põe o dedo no gatilho e, depois de uma breve hesitação, dispara. Só se ouve um clique sem detonação, a arma não está carregada. Walter Pidgeon ri e lhe faz um gesto de despedida com a mão na aba do chapéu. O espectador está ciente de que há um soldado armado nas proximidades, que patrulha o terreno e ainda não viu o caçador oculto.

Não sei o que o romance em que o filme se baseou poderia explicar, mas o que o filme mostra é que Pidgeon, depois do disparo fingido, percebe de repente que *pode* matar Hitler, o que de fato tinha acabado de fazer de mentirinha. Então ele põe às pressas uma bala na recâmara e aponta de novo. O Führer continua lá, está de frente, ainda não se retirou e seu peito continua na mira. Mais tarde, ao ser capturado e interrogado, o caçador assegura a Quive-Smith ou Sanders que nunca pensou em disparar, que o desafio consistia apenas em comprovar que poderia fazer isso, que foi até seu esconderijo sem ser detectado nem interceptado. Que se trata do que ele chama de “uma tocaia esportiva”. Abater a peça é uma mera certeza matemática, uma vez que ela esteja ao alcance e bem enfocada com o visor. Não há mérito em apertar o gatilho, há muito tempo ele renunciara a isso, até com um coelho ou com uma perdiz. Mas para que o jogo fosse sério e não uma simples paródia, o rifle devia estar carregado. “Seu cálculo da distância é espantoso, quase sobrenatural”, reconhece Quive-Smith, ele mesmo um adepto da caça: do modo como a

mira estava ajustada, verificou, faltavam somente dez pés, uns três metros, para impactar o alvo. “Um homem assim não pode viver”, acrescenta. A observação de Sanders, no entanto, é ambígua para o espectador. Pidgeon é o capitão Alan Thorndike, um caçador internacionalmente famoso, de fato seu interlocutor o conhece e o admira, sabe de suas proezas na África. Então se deduz que esse erro mínimo de três metros foi proposital e que Pidgeon está dizendo a verdade, que nunca pensou em meter uma bala no coração de Hitler. A sério, não.

A forma como a sequência se desenrola também está carregada de ambiguidade: não dá para saber ao certo se Thorndike topou com o Führer por acaso ou se estava à sua procura, por mais improvável que pareça a primeira alternativa. Em todo caso, dá a impressão de que ele só pensa em matá-lo quando o vê concretamente, quando se dá conta de quem está em sua mira. Ou nem isso, é ainda mais lento. Após seu simulacro, após o clique com a arma descarregada e o aceno com a mão depois de tocar a aba do chapéu e o riso festivo de satisfação, o caçador faz menção de ir embora, joga-se para trás como quem já cumpriu sua missão e não tem mais por que ficar ali, naquela encosta diante da famosa mansão de Berchtesgaden. E é aí que sua expressão muda, ele fica sério e mais impaciente, como se agora lhe faltasse tempo, e também mais determinado (não muito, porém mais). É nesse momento que parece lhe ocorrer a ideia de que aquilo que foi um ensaio, uma pantomima, uma diversão — uma tocaia esportiva —, pode virar realidade e alterar o curso dos acontecimentos. De que está em suas mãos, em seu dedo, prestar ao seu país e a meio mundo um grande favor, e isso que em 29 de julho de 1939 ninguém imaginava quão imenso viria a ser esse favor. O que vier a acontecer com ele não importa, dificilmente conseguiria escapar, só o que importa é a excitação. Então ele põe a bala na recâmara, só uma, certo de

que vai dar no alvo com facilidade, de que vai acertar e não precisará de um segundo disparo. Acaricia o gatilho de novo e está a um passo de apertá-lo, dessa vez com consequências, consequências pessoais e históricas. Num instante, o Führer morto e ensanguentado, apagado da face da terra que está prestes a dominar e arrasar, caído no chão de seu terraço, imprestável, um despojo, um estorvo que suja, um resto. Seria preciso retirá-lo dali como um gato estripado, como é pequena a distância entre o tudo e o nada, entre a vida feroz e a morte, entre o pânico e a piedade.

Não sei em que romance se baseou, como disse, mas o filme nunca esclarece a intenção definitiva de Thorndike, o caçador, porque nada está feito até que não esteja totalmente feito e já não possa ser desfeito, até que não dê para voltar atrás. Uma folha voa de uma árvore e cai sobre a mira. Mal-humorado, Pidgeon a afasta, perde a visão por um momento e recobra sua posição. Deve apontar de novo para Hitler, voltar a tê-lo nítido em seu visor, ou então a matemática não poderá concluir seu cálculo infalível e o gato continuará vivo e rondando, maquinando, arranhando e rasgando. Mas já é tarde, uma folha que voa é suficiente para que o tempo se esgote: o soldado que patrulha o descobriu e se precipita sobre ele, e a única bala sai perdida para lugar nenhum, no embate entre os dois.

Quem não teria feito o mesmo em sua situação, quem não teria hesitado e acariciado o gatilho e sentido a tentação de disparar a sangue-frio — “Sim, um assassinato, só isso”, como escreveu o clássico, minimizando sua importância — se tivesse tido Hitler indefeso e na mira em 1939, por acaso ou por tocaia e perseguição? E mesmo muito antes dessa data e além da ficção. Porque isso não é ficção, ao contrário do filme de Fritz Lang: Friedrich Reck-Malleczewen não era, de maneira nenhuma, um esquerdista, nem era judeu, nem cigano, nem homossexual, teve seis filhas e um filho de seus dois casamentos. Nascido em 1884, tinha cinco anos a mais que o Führer. Seu pai era um político e terra-tenente prussiano. Estudou medicina em Innsbruck e serviu como oficial no Exército da Prússia, mas abandonou a carreira militar porque tinha diabetes. Foi médico a bordo de um navio durante um breve tempo, em águas americanas. Depois se instalou em Stuttgart para exercer o jornalismo e a crítica teatral, e mais tarde se mudou para perto de Munique. Escreveu romances de aventura para crianças, e um deles, *Bomben auf Monte Carlo*, gozou de popularidade, porque foi adaptado quatro vezes para o cinema. Por todos esses dados, poderíamos dizer que era um homem bastante inofensivo, pouco dado a agitações ou subversões. Mas era uma pessoa educada e com a mente clara o suficiente para desprezar e detestar os nazistas e Hitler desde que eles surgiram no horizonte. Então, em maio de 1936, ele começou um diário secreto, aliás, clandestino, que conseguiu

escrever até outubro de 1944, embora desde 1937 tivesse cuidado de mantê-lo escondido num bosque e de mudar com frequência seu esconderijo, para o caso de as autoridades o estarem espiando e vigiando, pois a descoberta teria causado sua morte. Só veio a lume postumamente, em 1947, com o título *Diário de um desesperado*, e então recebeu pouca atenção em sua língua, talvez ainda fosse cedo para recordar o que tinha acabado de acontecer. Quase vinte anos mais tarde, em 1966, foi reeditado em brochura, e isso propiciou que em 1970 fosse traduzido para o inglês como *Diary of a Desperate Man*, e foi nesse idioma que o li.

Reck-Malleczewen considerava os nazistas “uma horda de símios cruéis” dos quais se sentia prisioneiro, e, apesar de ser católico desde 1933, admitiu o ódio incessante em todo o seu ser: “Minha vida neste buraco logo iniciará seu quinto ano. Durante mais de quarenta e dois meses, pensei com ódio, deitei-me com ódio no coração, sonhei com ódio e acordei com ódio”, escreveu. Viu Hitler em pessoa em quatro ocasiões. Numa delas, “atrás de sua barreira de mamelucos”, não lhe pareceu um ser humano, mas “uma figura saída de um conto de fantasmas, o próprio Príncipe das Trevas”. Em outra, ao ver “seu cabelo oleoso caindo sobre o rosto enquanto deblaterava” numa taberna sem deixá-lo comer sua salsicha e sua chuleta em paz, viu nele “a aparência de um homem que talvez tentasse seduzir a cozinheira”, e teve dele a impressão de uma “estupidez fundamental”. Quando Hitler saiu e acenou com a cabeça em despedida, lembrou-lhe “um maître no ato de agarrar uma gorjeta furtiva e cerrar o punho sobre ela”. De seus olhos “melancólicos e negros como o breu”, disse que pareciam “duas passas injetadas em sua cara de lua de um cinza de escória, gelatinosa”. Da primeira vez, em data tão prematura quanto 1920, depois de ouvir sua inflamada diatribe numa casa particular para a qual tinha mais ou menos se convidado, ele e suas amigadas, uma vez

livres do orador improvisado (a criada ficou assustada pensando que ele estava berrando com seus anfitriões e a ponto de agredi-los), tiveram de abrir uma janela a toda a pressa para que o ar fresco dissipasse “a sensação de consternação e de opressão”, e Reck assinala que “não era como se o cômodo tivesse sido contaminado só por um corpo sujo que tivesse estado lá, mas por algo mais: pela essência suja de uma monstruosidade”. Apesar de sua ascensão meteórica, nos vinte anos transcorridos entre aquela primeira vez e a última, “minha visão dele permaneceu inalterada. A verdade é que não tem o menor gosto por si mesmo, basicamente ele odeia a si mesmo”.

A citação que vem à baila é também, como as anteriores, de 11 de agosto de 1936 (longa entrada a desse dia), e nela Reck-Malleczewen evoca uma jornada imprecisa de 1932 em que topou num restaurante muniquense, a Osteria Bavaria, com Hitler, que estranhamente chegou sozinho, sem seus habituais capangas e guarda-costas (na época ele já era uma celebridade), atravessou o salão e sentou-se à mesa contígua à que ocupavam ele e seu amigo Mücke. Quando se sentiu observado, examinado criticamente por eles, “ficou inquieto e seu rosto assumiu a expressão esquiva de um burocrata de baixo escalão que se aventurou num local onde não entraria normalmente, mas que uma vez lá exige que, por seu dinheiro, seja servido e tratado até nos mínimos detalhes tão bem quanto aqueles cavalheiros ali”... As ruas já eram pouco seguras naquele mês de setembro, acrescenta Reck, então ele sempre levava consigo uma pistola carregada quando ia até a cidade. E esse católico convicto, esse pacífico pai de sete rebentos, esse autor de livros infantis e juvenis, esse homem educado, burguês e setentrional, escreve o seguinte, sem que sua pena trema nem vacile: “No restaurante quase deserto eu poderia facilmente ter lhe dado um tiro. Se eu tivesse tido o menor vislumbre do papel que aquele imundo iria

desempenhar, e dos anos de sofrimento que iria nos infligir, teria feito isso sem pensar duas vezes. Mas eu o vi como um personagem de uma história em quadrinhos, e então não atirei nele”.

Em 11 de agosto de 1936, mesmo tendo visto muito pouco sofrimento e horror em comparação com o que veio depois, Reck-Malleczewen pensa que não teria hesitado em matar a sangue-frio um homem ridículo que se preparava para almoçar sozinho em 1932 se soubesse, na época, o que veio a saber quatro anos mais tarde e cerca de oito antes de morrer, aos sessenta, no campo de concentração de Dachau. Nessa data de seu diário, quando Hitler já está completamente fora de seu alcance e do alcance de quase todo mortal, ele se consola daquela oportunidade perdida na Osteria Bavaria com um ataque de fatalidade que se revela premonitório: “De qualquer modo, não teria adiantado nada: nos conselhos do Altíssimo, nosso martírio já havia sido decretado. Se naquele ponto alguém agarrasse e amarrasse Hitler nos trilhos da ferrovia, o trem descarrilaria antes de alcançá-lo. Correm muitos rumores de tentativas de assassiná-lo. As tentativas fracassam e continuarão fracassando. Há anos (sobretudo nesta terra de demônios triunfantes) parece que Deus está dormindo”. Um cristão conservador devia estar muito desesperado para interpelar seu Deus por não ter coroado de êxito os atentados dos homens contra uma de suas criaturas, sem aguardar seu Juízo Final. Por não permitir, digamos, por não propiciar um assassinato traiçoeiro e premeditado.

Reck-Malleczewen, que descendia de uma longa linhagem de militares ou pelo menos era o que dizia, foi por fim detido em 13 de outubro de 1944, acusado de “minar o moral das Forças Armadas” por ter alegado uma angina de peito ao ser chamado para as fileiras das patéticas milícias improvisadas por Goebbels com adolescentes e velhos diante do avanço russo no Leste (esse delito acarretava a pena de morte na guilhotina), de

responder “Louvado seja Deus” em vez do obrigatório “*Heil Hitler!*” (até as putas eram obrigadas a gritar isso duas vezes por sessão, nos prolegômenos e em cada orgasmo fingido) e de mais alguma baboseira gravíssima. Depois de passar alguns dias na prisão temendo o pior, e da realização de um simulacro de julgamento oral, foi libertado graças à inexplicável intercessão de um general da SS que, por ter dez anos a menos do que ele (que já completara sessenta), o repreendeu suavemente, e a quem o autor do diário se refere em suas últimas anotações como “General Dtl”. Por isso, voltou para casa e teve tempo de registrar essa experiência em suas páginas tão secretas. Se descobertas, na certa o teriam levado para a forca ou para a guilhotina sem prorrogação nem perdão.

Mas voltaram a detê-lo em 31 de dezembro, e isso ele já não pôde contar em seu diário, sob a acusação ainda mais grotesca de “menosprezo pelas divisas alemãs”, ao que parece devido a uma carta para seu editor na qual lamentava que a inflação alta estivesse corroendo seus ganhos com direitos autorais. Dessa vez o misterioso “Dtl” não apareceu e ele não se livrou, e em 9 de janeiro de 1945 foi transferido para Dachau, lugar de enorme insalubridade onde rapidamente adoeceu. Um preso holandês que o encontrou lá deixou um testemunho no qual o descreve como um idoso lamentável e confuso, debilitado pela fome e trêmulo de nervosismo, que não tinha aprendido nada com os acontecimentos que viveu. Desse retrato mínimo se alojou em minha memória um detalhe trivial, que são os que a gente recorda melhor: vestia uma calça que ficava curta para ele e uma jaqueta militar verde italiana à qual faltava uma manga.

Um atestado de óbito sustenta que Friedrich Reck morreu de tifo em 16 de fevereiro, mas outra fonte assegura que o que aconteceu nessa data foi que levou um tiro na nuca, talvez aquele que ele tinha poupado ao imundo, ao burocrata de baixo escalão, em setembro de 1932. O tiro do

qual aquele Hitler faminto se salvou por parecer um personagem cômico para seu preguiçoso e displicente executor.

Não podemos ser preguiçosos nem displicentes, não podemos desperdiçar a oportunidade, pois o comum é que não surja mais nenhuma outra, e talvez a gente acabe pagando com a própria vida o escrúpulo, a dúvida ou a piedade, ou o medo de deixar em si mesmo uma marca indelével — “certa vez eu matei” —, o ideal seria ter a presciência do que cada indivíduo vai fazer e no que vai se transformar. Mas se não conhecemos, de ciência certa, o acontecido, como poderíamos nos guiar pelo que está por vir? Se foi impossível para Reck-Malleczewen atirar no Führer no restaurante, mais impossível ainda seria atropelar um menino austríaco chamado Adolf na saída de seu colégio de Linz ou de Steyr, ou jogá-lo num rio num saco bem fechado e carregado de pedras — sim, como se fosse um gato refugado — quando ele ainda nem era estudante, ou asfixiá-lo com um travesseiro em seu moisés ou em seu berço, no povoado de Braunau onde nasceu, se tivesse tido a chance e a idade. Não teria se atrevido a considerar a possibilidade, por mais “vislumbres” que tivesse tido, nem mesmo se “os conselhos do Altíssimo” o tivessem feito deparar com a visão inteira do que o infante iria trazer e espalhar. Matar um menino ou um bebê de um lugar minúsculo e obscuro da Áustria, na fronteira com a Alemanha, do qual até teria dificuldade em sair; alegar que se ele vivesse exterminaria milhões e subjugaria e ensanguentaria a terra como ninguém jamais fizera: todo mundo o teria tomado por um louco e um visionário, por um assassino aberrante, ele mesmo teria se tomado por

tal, apesar de ter visto o panorama e conhecer o espanto que aquela criança indefesa abrigava no interior de suas veias e se propunha a desencadear desde Munique, Nuremberg e Berlim.

Mas já se vê que matar não é tão extremo, nem tão difícil e injusto, caso se saiba quem será morto, que crimes cometeu ou anuncia que vai cometer, de quantos males as pessoas serão poupadas por isso, quantas vidas inocentes serão preservadas em troca de um único disparo, um estrangulamento ou três facadas, isso dura apenas alguns segundos e depois pronto, acabou, já foi e segue-se em frente — quase sempre se segue em frente, às vezes as existências são longas e nada nunca acaba totalmente —, há casos em que a humanidade respira aliviada e, além disso, aplaude, e sente que lhe tiraram um peso gigantesco dos ombros, sente-se agradecida, leve e a salvo, alegre e livre por um assassinato, transitoriamente feliz.

E mesmo assim é difícil dar o primeiro passo: nem Thorndike na ficção nem Reck na realidade apertaram o gatilho quando ainda havia tempo, e isso que os dois sabiam de sobra que eliminariam algo maligno e insano, uma pestilência, uma putrefação com “sua cara de lua de cor cinza escória”, um corpo de consternação e opressão, “a essência suja de uma monstruosidade”. Sim, eles sabiam, mas ainda não havia acontecido o inimaginavelmente pior. Nós não aprendemos nunca, e é preciso que o hediondo se cumpra em grande escala para decidirmos agir, que o horror esteja em andamento e já seja irremediável para tomarmos uma decisão, precisamos ver o machado erguido no ar ou caído sobre os pescoços para apunhalar os que o empunham, comprovar que os que pareciam carrascos são, de fato, carrascos, e que, ademais, também nos executam. O que ainda não aconteceu não tem prestígio nem força, o previsto e o iminente não bastam, a clarividência é sempre ignorada, é necessário que tudo seja

corroborado pelos terríveis fatos, quando já é tarde e eles não têm conserto nem podem ser desfeitos.

E o que cabe então, paradoxalmente, são o castigo ou a vingança, os dois ainda mais difíceis e com um viés muito diferente; porque já não se trata de evitar uma calamidade futura nem, talvez, mais abominações, o que ajuda sobremaneira a justificar o assassinato, a ação de matar (ajuda a ideia de conjurar a reincidência, de impedir a reiteração, de impedir novas desgraças). Não, aqui é possível que aquele que cometeu um crime, ou incorreu em traição ou em delação, não tenha a intenção de voltar a machucar ninguém nunca mais; que não represente um perigo permanente e que sua conduta punível tenha sido resultado do medo, da fraqueza ou do transtorno, uma exceção. Quando se trata de vingança, o que leva a aniquilar esse indivíduo é o rancor, a necessidade de reparação, o ódio persistente ou a dor irreprimível; quando se trata de castigo, é mais uma advertência fria para os outros, o desejo de dar exemplo, de escarmentar, de deixar bem claro que isso tem consequências e não será tolerado. É assim que agem as máfias, incapazes de perdoar uma falta ou uma dívida mínimas para que não haja um mau precedente, para que todos entendam que elas nunca podem ser desrespeitadas nem roubadas, enganadas ou traídas, que devem ser temidas. E é assim que agem também o Estado e sua justiça, no fim das contas, com sua cerimônia e sua solenidade, ou sem elas quando é necessário e tudo deve ser feito em sigilo: afastam outros do crime, ao dissuadi-los mediante a condenação do atrevido que os precedeu. Ou do arrojado, ou do otimista, ou do ingênuo, talvez, que tentou a sorte e se adiantou a eles.

Minha missão era dessa natureza, um castigo ou uma vingança, não a prevenção de um crime individual ou de um massacre (pelo menos não imediatamente), e então seria mais difícil para mim levá-la a cabo. E se fosse uma vingança, não era minha. Tinha sido delegada a mim, eu recebera a ordem de executá-la, e nas estruturas hierárquicas a gente se acostuma a obedecer às ordens sem questioná-las — na verdade, se presta a isso desde o início: se compromete —, por mais que tenha dúvidas ou que causem na gente repugnância (sempre se é livre para senti-las, mas não se deve manifestá-las nem alegá-las). Hoje se julga alegremente até o último peão da história, e os que fazem isso ignoram ou passam por cima do que teria acontecido a esses peões se tivessem se recusado a cumpri-las. Teriam tido a mesma sorte sombria de suas vítimas, sobretudo em tempos de guerra, e teriam sido substituídos sem pestanejar: outro peão teria ocupado seu lugar e executado a tarefa, o resultado teria sido o mesmo, há mortes que já estão “decretadas” no céu ou no inferno, como disse Reck-Malleczewen do martírio dos alemães. A partir da pausa, da paz ou da trégua, do presente que olha com desdém todo o passado, do agora que se acredita superior a qualquer antes, é muito fácil proclamar com soberba “Eu teria me negado, eu teria me rebelado”, e assim se sentir íntegro e puro. É fácil execrar e condenar quem estrangulou ou apertou o gatilho ou desferiu as facadas, e ninguém se detém a pensar em quem foi eliminado nem em quantas vidas foram salvas com isso, nem em quantas vidas a

pessoa assassinada havia tirado nem quantas havia provocado com suas instigações ou exaltações, com suas pregações e suas pragas morais, é tudo a mesma coisa, ou pior (o que só fala e instiga não se mancha de sangue, delega a sujeira para os persuadidos, instila veneno neles e isso é suficiente para que comecem a agir e se excedam selvagememente), embora nem sempre se considere assim.

Eu já estava havia algum tempo aposentado e “queimado”, como se costuma dizer de quem foi útil e deixou de ser, de quem se expôs durante anos e se desgastou, ou então de quem não teve escolha a não ser permanecer no dique seco, e com isso perdeu suas faculdades, seus reflexos e suas habilidades, ou no mínimo ficou enferrujado. Me deram baixa e concordei. Isso coincidiu com minha descoberta de um engano originário (aquele que me meteu nesta vida e neste trabalho, jovem demais para me opor), cometido por aquele que foi meu recrutador e meu chefe mais visível, Bertram Tupra, mais tarde Bertie, também chamado de Reresby e de Ure, de Dundas e de Nutcombe, de Oxenham e de outros nomes que desconheço, assim como eu mesmo utilizei alguns em meu longuíssimo período de atividade, fui Fahey e MacGowran, e Avellaneda e Hörbiger e Riccardo Breda, Ley e Rowland e Cromer-Fytton muito brevemente, e algum outro sobrenome que se apagou de minha memória, já me virá se eu me esforçar, porque todo mal volta e minha errância esteve repleta de males dos quais depois senti falta, uma vez findos, como se sente falta de tudo o que já não está e um dia esteve, a alegria e a tristeza, o entusiasmo, o sofrimento, tudo que nos forçou a avançar e depois nos abandonou.

Eu tinha voltado para Madri, para minhas origens remotas e para minha mulher e meus filhos, cuja infância perdi e a cuja primeira juventude eu me integrava com cuidado, como se pedisse licença. Ela, milagrosamente,

não me rejeitou por completo após uma ausência continuada de cerca de doze anos, não só ausência, mas também silêncio: enquanto andei escondido, não podia me arriscar a ser detectado caso fizesse contato com ela, convinha que todo mundo me considerasse morto e, portanto, fora do jogo e inatingível, e foi nisso que Berta chegou a acreditar com afinco, mas sem certeza, ou seja, de modo intermitente. De maneira ainda mais milagrosa, e apesar de se considerar viúva incipiente ou de facto e depois viúva oficial e ainda mais livre, se é que isso cabe, não se casou de novo nem se juntou com ninguém que perdurasse, e assim não me enterrou nas profundezas nem me substituiu completamente, embora a palavra “substituição” já não coubesse. Não por falta de vontade ou de propósito, era certo que ela devia ter feito suas tentativas, mas por uma ou outra razão essas relações não tinham vingado, relações sobre as quais nunca lhe perguntei nada, não me achava nem com direito à curiosidade, e além do mais não eram da minha conta, como não eram da conta dela o que construí durante minhas andanças, tive até uma filha que deixei para trás na Inglaterra. Nunca mais a vi e não revelei sua existência a ninguém, embora seu nome e seu rosto, que para mim já não varia e será sempre o de uma menina pequena, apareçam com frequência em meus devaneios ou em sonhos, Valerie, ou Val, é o nome dela. Valerie Rowland, imagino, se é que sua mãe não o mudou em castigo póstumo por eu ter ido embora, afinal James Rowland foi um fantasma temporário, passageiro, daqueles que não se demoram em nenhuma escala e que só constam em documentos falsos.

Agora Berta e eu não morávamos juntos — é difícil depois de tanta separação e tão prolongada morte aparente, a gente se acostuma a não ter ninguém testemunhando seus despertares nem seus hábitos —, mas bem perto, ela em nossa antiga casa comum na rua Pavía, e eu do outro lado do

Teatro Real, na rua Lepanto, para ir de um lugar ao outro não era preciso nem mudar de calçada. E ela permitia que eu me aproximasse e que ficasse lá de vez em quando, como uma visita de confiança, inclusive que ficasse para jantar com as crianças ou sem elas, e Berta e eu até dormíamos juntos uma vez ou outra, como às vezes fazem os antigos amantes, mais por familiaridade ou por afeto tardio do que para reviver paixões, e porque não é preciso se empenhar em cortejos indecisos nem em seduções árduas. Eu não descartava que ela me expulsasse e me substituísse agora por outro homem, qualquer dia, amanhã, ela levava uma vida na qual eu não entrava, portanto não devia se sentir menos livre por causa do meu regresso. No que me dizia respeito, nesse campo, a verdade é que eu nem considerava a possibilidade de começar nada novo. Era como se meus longos anos de utilitarismo com as mulheres tivessem me deixado sem um interesse profundo por elas (tempo demais vendo-as como um instrumento), insensível a tudo que não fosse fisiológico e mecânico, um mero desafogo. Sentimentalmente embotado e seco. Contemplava essas ilusões — eu as percebia em meus filhos, mais em Elisa do que em Guillermo — como algo existente, mas abrigado pelos outros, aos quais eu pertencera num tempo distante e ingênuo, numa vida tão diferente que me parecia imaginária e me custava reconhecer como própria. Ainda não tinha completado quarenta e três anos quando voltei para Madri, em 1994, acho, as datas dançam cada vez mais em minha mente; mas, nesse aspecto, era como se tivesse cem, ou melhor, era como se estivesse do lado desse tipo de mortos que ainda se esforçam para não desaparecer nem dar as costas. Refiro-me somente às emoções e às expectativas, não ao sexual, não ao instintivo. Ou talvez fosse porque, no fundo, eu estava tão contente por ter recuperado algo com Berta (um arremedo, uma paródia, uma pintura, uma sombra, tanto faz) que não me ocorria esperar mais nada, nem olhar

para além de seus olhos e de sua figura. Na época, não me atrevia a expressá-lo nesses termos tão claros, mas isso era o mais provável.

Ah, sim, tinham me dado baixa e concordei com isso, ou a coisa foi recíproca. Fiquei decepcionado e cansado e anunciei minha defecção ou deserção ou como quer que se chame essa figura no MI6 e no MI5 ou nos serviços secretos de qualquer república ou reino, e eles me descartaram, se consideraram servidos: “Não sentiremos tanto sua falta como anos atrás, você já está inativo há muito tempo e nada o impediu, nunca, de ir embora”, foi a resposta de Bertram Tupra, um homem em geral simpático e despreocupado, e indiferente graças a isso, imagino. Fazia o que queria e não dava importância a nada, era um desses indivíduos que jogam o casaco nos ombros e avançam fazendo-o flutuar ou voar como um manto, sem se preocupar se suas bordas, soltas e descontroladas, fustigam alguém ao passar. Deixava um rastro de vítimas acidentais e nunca virava o rosto para olhá-las. Tinha assumido que esse era o estilo do mundo, ou pelo menos da parte do mundo em que seu trabalho se desenvolvia.

Não esperava vê-lo mais, nem ouvir de novo sua voz, quando me despedi dele em Londres sem querer apertar a mão que ele me estendeu sem problemas (quem enganou ou ofendeu não costuma apontar nada; além do mais, quase sempre pretende que não se leve isso em conta, porque a pessoa atenua suas próprias afrontas e guarda e aumenta as dos outros). Ele afastou a mão delicadamente e acendeu um cigarro, como se nunca a tivesse estendido; não ligava para minha atitude desdenhosa, para minha desfeita. Eu tinha ficado sob suas ordens durante duas longas

décadas, e se não fosse mais ficar seria cancelado, apagado, passaria a ser um compatriota anódino, ou até um desconhecido cujo comportamento não merecia sequer ser considerado, muito menos escrutado. Um agente aposentado só precisa ser vigiado de soslaio para que não dê com a língua nos dentes e não conte o que não deve, o que não pode. A consciência da proibição é suficiente para dissuadi-lo disso, quase sempre, mas alguns se abandonam e se dedicam a se autodestruir: se embebedam, se drogam, se deprimem, se arrependem e buscam expiação ou castigo, se entregam ao jogo e contraem dívidas que não podem ser pagas, se refugiam nas religiões tradicionais ou em outras novas de araque, todas absurdas; ou então se exibem, precisam que saibam que fizeram algo de valor na vida, não suportam que suas façanhas não constem em nenhum registro, o segredo de sua existência acaba pesando sobre eles. Acham que os segredos só têm sentido se um dia deixarem de ser segredos, e que devem ser revelados ao menos uma vez, antes de morrer. É frequente que, quando alguém está prestes a morrer (e há muitos que acreditam nisso várias vezes antes da hora), não se importe nem um pouco com as consequências de suas últimas palavras e ações, hoje em dia se confia muito pouco em elogios fúnebres ou em como alguém será lembrado. Sabe-se que, na verdade, ninguém é lembrado depois das primeiras horas de pesar, nas quais há mais choque e pânico do que recapitulação e rememoração.

Então qual não foi minha surpresa quando ele telefonou para meu trabalho na embaixada em Madri, para a qual eu voltara sem complicações depois de uma ausência de tantos anos. Para um cargo mais distinto, na verdade, vantagens de meus sacrifícios passados. Minha memória continua boa, mas não é mais a da época em que eu estava ativo e ia emendando mentiras e identidades falsas que tinha de sustentar sem contradições nem descuidos. Por isso eu tinha esquecido por completo de algo que ouvi do

professor Peter Wheeler quando era muito jovem, estudava em Oxford e nas férias voltava para Madri, para minha família e minha namorada, que já naquela época era Berta. Wheeler foi o primeiro que viu minha utilidade e me sondou para os serviços, que adivinhou grandes chances em minha capacidade para aprender e falar línguas e imitar dicções e sotaques — segundo todos era um dom, mas essa é uma palavra solene para quem tem isso desde a infância. Também foi ele quem me pôs em contato com Tupra, logo depois se afastou e, na verdade, me deixou nas mãos dele, como o cão que traz a caça para seu dono. Naquela ocasião da sondagem, quando foram mencionados os boatos que corriam sobre suas velhas atividades como espião durante a Segunda Guerra Mundial, e sobre como agora ele ainda dava uma ajuda quando pediam — talvez na captação de talentos, de alunos que se destacassem por algum motivo excepcional —, ele disse o seguinte: “São os serviços secretos que mantêm contato com você, uma vez que você esteve neles. Pouco ou muito contato, como preferirem. Você não os abandona, isso seria como cometer uma traição. Nós sempre estamos e esperamos”. Quando minha memória recuperou essa última frase, ela me veio em inglês, a principal língua na qual ele e eu conversávamos: apesar de ser um brilhante hispanista e lusitanista, se sentia mais à vontade com ela e conseguia ser mais preciso. “*We always stand and wait.*” Na época, isso me soou como uma citação ou uma referência a algo, e agora sou lido o suficiente para perceber, ao lembrá-la, que era uma alusão a um famoso verso de John Milton, ainda que em seu poema os dois verbos tenham um sentido muito diferente do que Wheeler lhes deu naquele contexto, naquela tarde em sua casa, ao acrescentar: “Não recorrem a mim há anos, mas sim, às vezes se produzem intercâmbios. Você não se aposenta, se ainda pode servi-los. Serve ao país desse modo, e

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tomás Nevinson"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).